

7. CURSO SECUNDÁRIO, NO LICEU

No Exame de Admissão ao Curso Ginásial, no final de 1956, não logrei ingressar no Ginásio Municipal de Fortaleza, consagrado estabelecimento público, então localizado em elegante prédio na Praça do Carmo, hoje servindo de sede ao Instituto do Ceará. Com o incentivo do primo **Airton** (foto a seguir, à E) e um preparo intensivo e eficiente no, então, **Ginásio 7 de Setembro**, sob a austera e eficaz didática do **Professor Edílson Brasil Soares**, tive, no mesmo ano, aprovação para o **Liceu do Ceará**, cujo uniforme passei a briosamente vestir.



Airton Girão (3)

Liceu do Ceará (15)

Eduilton, em 1957 (11)

Na segunda metade dos anos cinquenta do último século, o Colégio Estadual do Ceará – o público e tradicional Liceu do Ceará – ainda tinha um ensino de qualidade muito boa e, assim, era muito procurado por estudantes do Ceará e de outros estados. Os dois primeiros anos do Ginásial foram cursados no turno da manhã (o da tarde era exclusivo das alunas e o noturno para os estudantes que necessitavam ter outra atividade durante o dia, geralmente um emprego).



Minha classe na 1ª. série ginásial; à E., Prof. Olavo Sampaio; estou assinalado com um círculo (11)

Naqueles 1957/58, nossos professores eram renomados, competentes e exigentes, além de elegantes, a partir da indumentária (terno e gravata). Seus salários, muito mais dignos do que os da atualidade, permitiam-lhe, quase sempre, manter-se exclusivamente da sua profissão no magistério de nível médio. Alguns tinham outras atividades, como o Professor **Olavo Sampaio** assim como o mestre **Manoel Lima Soares (Néo)**⁽¹⁴⁰⁾, titulares de História e Geografia, respectivamente e, também, advogados de nomeada. O Professor **Dilson Chagas**, meu conterrâneo, ensinava desenho. O grêmio colegial (Centro Liceal de Educação e Cultura – CLEC) tinha intensa atividade, a partir das disputas eleitorais para a sua diretoria; os alunos trajavam um uniforme, cor cáqui, jaqueta de mangas compridas e duas listras verticais, na calça, em azul, cor que combinava com a do brasão do colégio apostado no colarinho da peça superior. A saias das alunas era em cor azul, plissada, sendo as duas barras horizontais em cor caqui e a blusa em tecido branco de manga curta. Desfilava-se, com garbo, na parada do Sete de Setembro. No nosso baile de conclusão do Curso Ginásial, no Clube Maguary, me foi madrinha a prima **Dilce** (filha dos tios **Ana e João de Deus**, de quem Valtina e eu viríamos, posteriormente, a ser compadres, por termos apadrinhado **Lucile**, atualmente uma digna integrante do Ministério Público no vizinho Pernambuco) (**fotos a seguir**).



Dilce Girão (141)



Lucile Girão (141)

Ao me transferir para o turno da noite, premido pela necessidade de trabalhar durante o dia, passei a vivenciar condições muito diferentes daquelas há pouco citadas. Os mestres mais dedicados e competentes já não eram maioria e, não raramente, deixávamos de ter aulas, em face do não comparecimento de um ou outro professor. A situação deteriorou-se, com o avançar dos anos, a ponto de serem frequentes os cancelamentos de aulas. Para piorar o cenário, a situação política nacional era de instabilidade, havia frequentes passeatas e ocasionais quebra-quebras. Destes, foram alvo dos baderneiros, algumas vezes, os ônibus da Empresa Pedreira, que faziam a linha do Centro para Jacarecanga. Em atitude do mais sórdido vandalismo, alguns alunos cortavam a energia elétrica do Colégio e, assim, impediam completamente qualquer funcionamento da instituição pelo menos por uma noite. Desse modo, os concluentes naquelas condições, em busca de galgar a universidade, tinham, contra si, todas as dificuldades para aprovação no vestibular. Foi sob aquele clima de incertezas, que vim a concluir o meu Curso Científico, no final de 1963.



Conclusão de cursos, no Liceu:
Ginasial (1960)



Científico (1963) (11)

Para passar no vestibular, o mais seguro era fazer um cursinho preparatório.